

O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DOS SABERES PRIMEVOS

Denilson Diniz Pereira ¹

RESUMO

A pesquisa foi realizada com dois professores que ministraram a disciplina de Filosofia no Ensino Médio em uma escola de tempo integral da Rede Pública do município de Manaus/AM, com objetivo de identificar se os conhecimentos filosóficos desenvolvidos na escola poderiam propiciar aos estudantes refletir, pensar e interpretar o mundo que os cerca. A mesma assume uma abordagem qualitativa por compreender que o tema pesquisado é dinâmico e os sujeitos envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Para Freire (1987), superar e concretizar a crítica social teórica é a práxis que pode propiciar ao ser humano construir a si mesmo e ao seu mundo, de forma livre e autônoma, em uma formação cultural, política, econômica e, por que não, científica. Neste espaço o professor é o responsável pela mediação do processo educacional, como proponente de uma transposição didática entre os saberes científicos e os primevos como ensina Chassot (1995), visto que os saberes formais da escola podem dialogar com os saberes familiares, populares, ou seja, culturais do estudante. Conclui-se que há diferentes perspectivas para olharmos o mundo natural posto que a Ciência não detém a verdade, mas adota algumas verdades transitórias, em um cenário parcial onde os seres humanos não são o centro da natureza, mas elementos da mesma.

Palavras-chave: Formação de Professores, Ensino de Filosofia, Saberes Primevos.

INTRODUÇÃO

O pensar utópico e estagnante para lecionar Filosofia com aulas que conduzam ao pensamento crítico, não sendo necessárias grandes e equipadas bibliotecas para o ensino de Filosofia. Literaturas pertinentes, como Arantes (1996), Descartes (1999), Gallo (2003), Gelamo (2009), Silvia (1996) e Tomazzeti (2002), provam o contrário.

Se é evidente que seria excelente contar com tais recursos e ainda com professores capacitados em nível de graduação em licenciatura em Filosofia, visto que outras áreas do conhecimento como História e Ciências Sociais lecionam a disciplina Filosofia, materiais em variedade e quantidade suficiente a todes docentes.

Em especial, os autores citados e outros sugerem utilizar concepções alternativas a partir de conhecimentos populares, primevos que os estudantes tenham dos fenômenos

¹ Doutorando em Educação PUC Minas. Professor do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - ICSEZ/UFAM E-mail: denilsondinizp@ufam.edu.br;

do cotidiano, como afirma Chassot (1995), para, então, apresentá-los cientificamente, por meio de uma transposição didática.

Saber primevo ou popular é aquele que detém, socialmente, o menor prestígio, isto é, o que resiste a menos códigos. Aliás, popular pode significar vulgar, trivial e ou plebeu. Mais recentemente os saberes populares passam a ser nominados também de saberes primevos, na acepção daqueles saberes dos primeiros tempos; ou saber inicial ou primeiro ou saber da tradição. É preciso dizer que não se trata de uma simples troca de adjetivo. Há aqui uma postura política, marcada de quanto à opção por um adjetivo como primeiro ou primevo não desqualifica tanto um saber, como quando dizemos saber popular. (CHASSOT, 2014, p. 246).

Brandão (1985) apresenta o conceito de saber popular, não só como aquilo de que se vive, mas também, em grande proporção, como aquilo para o qual se vive. Para o autor a cultura popular pode referir-se tanto a artefatos individuais como uma música popular ou um programa de televisão, quanto ao estilo de vida de um grupo. Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual, ou seja, denomina-se educação popular quando transferido entre grupos ou pessoas.

Para melhor entender o conhecimento popular ou não acadêmico, auxiliamos, também, a reflexão de Morin (2008), segundo a qual o pensamento complexo não pode ser fragmentado ou desconectado do todo, como a escola tradicional sempre o fez. Não se permite que ele seja reduzido e simplificado, na forma científica, desprezando o saber popular, muitas vezes, por ser empírico e não acadêmico. Esquecem que as experimentações que ocorrem nas vivências cotidianas podem ser, às vezes, mais eficientes e complexas que os ambientes controlados, induzidos e isolados dos centros científicos.

Esses saberes primevos, aqueles já presentes em nosso dia a dia (LUTFI, 1988) ao se juntarem aos conhecimentos escolares, auxiliam os estudantes a resistirem às situações que tendem a afastá-los do conhecimento filosóficos e promovendo um fracasso escolar, uma vez que esses conhecimentos podem ser desenvolvidos pelos familiares, utilizá-los e valorizá-los contribuem para um resgate da autoestima e do sentimento de pertencimento dos estudantes em relação ao conhecimento filosófico.

Este artigo resulta de uma investigação desenvolvida com um grupo de professores de Filosofia do Ensino Médio em uma escola de tempo integral da Rede

Pública do município de Manaus/AM, com objetivo de identificar se os conhecimentos filosóficos desenvolvidos na escola poderiam propiciar aos estudantes refletir, pensar e interpretar o mundo que os cerca.

METODOLOGIA

A pesquisa assume uma abordagem qualitativa por compreender que o tema pesquisado é dinâmico, assim a melhor forma para compreendê-lo é manter contato direto com o objeto pesquisado como aponta Teixeira (2012, p. 123) “os investigadores [...] assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre, deslocando-se, sempre que possível ao local do estudo”, sob uma abordagem qualitativa com enfoque fenomenológico-hermenêutico, pois “permite ao pesquisador desvelar o fenômeno, pois para a fenomenologia não há uma única realidade, mas tantas quantas forem as suas interpretações a partir das comunicações das expressões humanas, dos sinais e símbolos” (Gil, 1999, p. 32-33).

A pesquisa foi realizada com um grupo de professores de Filosofia do Ensino Médio em uma escola de tempo integral da Rede Pública do município de Manaus/AM, com objetivo de identificar se os conhecimentos filosóficos desenvolvidos na escola poderiam propiciar aos estudantes refletir, pensar e interpretar o mundo que os cerca.

A coleta de dados deu-se por meio de pesquisa de campo permitindo maior profundidade e flexibilidade no tema além de análise de atitudes e comportamentos dos alunos.

Etapas da pesquisa

- I. Levantamento da leitura sobre a temática para o desenvolvimento da introdução;
- II. Estudos para a formulação do referencial teórico e metodológico;
- III. Elaboração da pesquisa de campo;
- IV. Análise dos dados coletados na pesquisa para a escrita dos Resultados e Discussão.

Então, a partir da escola pública onde foi desenvolvida a pesquisa, levantamos dois nomes de professores que haviam lecionado com o livro didático adotado pela Secretaria Estadual de educação do Amazonas - SEDUCAM “Fundamentos de Filosofia” de Cotrim (2016). Autorizaram a observação de suas aulas assim como o desenvolvimento dos alunos do ensino médio antes e depois das mesmas.

Todos os sujeitos envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, sendo realizada com total compromisso de manter a postura social e ética em relação ao material coletado e garantiu a proteção e sigilo dos dados pessoais do sujeito da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerada indispensável ao currículo do Ensino Médio, a Filosofia foi aprovada, em julho de 2006, pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), como disciplinas obrigatórias no currículo do Ensino Médio e tal exigência se deu devido à percepção que educadores tiveram ao constatar os benefícios que a disciplina oferece aos alunos que trabalham com ela, oportunizando o desenvolvimento de um pensamento independente e crítico, ou seja, permite a ele experimentar um pensar individual. Assim o ensino de Filosofia a partir dos conhecimentos populares ou primevos deve promover no aluno a capacidade de ouvir, ler, compreender e escrever, para ter os subsídios necessários para argumentar com clareza, seja para sustentar uma posição, para questioná-la ou mesmo suspendê-la, segundo o exercício pleno e responsável da liberdade de pensamento.

O objetivo geral pauta-se em identificar se os conhecimentos filosóficos desenvolvidos na escola poderiam propiciar aos estudantes refletir, pensar e interpretar o mundo que os cerca, e para conseguir alcançar tal objetivo, propomos como específicos, apresentar os conhecimentos populares primevos por meio de uma transposição didática, conduzindo o aluno ao pensamento crítico filosófico e desenvolvendo o ensino de Filosofia a partir dos saberes primevos.

Se uma das funções das escolas é a de promover a sedimentação das idéias, é a partir deste conceito que a escola se justifica por si mesma. Constata-se que a perpetuação desta idéia deve ser buscada, para que seja construída junto aos estudantes, visto que as escolas estão repletas de “verdades”.

Será que os docentes se encontram prontos para desafiar o senso comum, para “ensinar” que os estudantes não têm acesso à realidade, mas a uma caricatura dela, que lhes chega pelas mídias e se fortalece com eles transformando a realidade real em virtual, por meio de uma visão ingênua do mundo (FREIRE, 1987)?

Neste sentido, o ensino de Filosofia para formar o cidadão, no sentido de uma proposta de ensino, na tessitura dessa rede na qual o professor almeja que seus estudantes aprendam a interagir com os nós da rede que representa tudo o que é ensinado e que eles apreendam durante suas elaborações como um conhecimento essencial, vivenciando a consciência da tarefa social da escola na perspectiva freireana defendida por Santos (2002).

Isso porque a finalidade dos conhecimentos, inclusive os filosóficos, é poder colaborar na formação do estudante em sua globalidade, ou seja, na consciência do caráter e da cidadania. No entanto, ainda são poucos também os estudantes que, ao invés da posição de consumidor, assumem uma posição cidadã e crítica ao realizar uma leitura de mundo que esclareça o que é visto e estudado na escola com a vida diária.

De acordo com a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), a Educação deve propiciar ao estudante o exercício da cidadania. Sendo assim, a Filosofia não pode ser vista de uma maneira isolada, mas se deve inovar e ensinar de modo a desenvolver a cidadania como talento básico, que caracteriza uma formação de valores e cultura sem substituir a que já existia.

Por último, cabe discutir que é crucial a discussão e a inserção dos saberes populares no processo de formação e desenvolvimento profissional docente, visto que sua abordagem em sala de aula, de modo a contemplar as potencialidades discutidas, depende de professores preparados e com condições de trabalho adequadas, além de metodologias e de recursos didáticos.

Stenhouse (1998) defendia que todo docente deveria trabalhar como um investigador, um pesquisador do dia-a-dia. E, nesta defesa, importava a necessidade de utilizá-la como recurso didático do saber e, conseqüentemente, da pesquisa. Para tanto, sugere que todo docente, na qualidade de educador, deve assumir seu lado experimentador no cotidiano e transformar a sala de aula.

Ainda que nas aulas de Filosofia, sugerimos que a sala de aula seja feita a partir do mundo dos estudantes, que o trazem para a escola em seus saberes primevos, em seus conhecimentos do cotidiano, desde que tenham voz para isso.

O docente deveria lançar mão de práticas variadas até obter as melhores soluções para garantir a aprendizagem da turma, com qualidade social, ou seja, como defende Stenhouse (1998), que ele desenvolva a postura reflexiva e a capacidade de analisar sua própria prática docente.

Definições recentes sobre as competências para Didática e Prática de Ensino de Filosofia na relação com a Escola ensinar incluem que a partir da análise desse autor, o docente seja capaz de aperfeiçoar o trabalho de sala de aula; de criar o próprio currículo, adequado à realidade e com respeito às necessidades de seus estudantes. Aquilo que vale para a nossa existência em geral, vale também e muito particularmente para as questões pertinentes à Educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de observações informais, realizadas “*in loco*”, podem-se fazer ponderações sobre a conduta dos educadores frente ao currículo tradicional no ensino de Filosofia. Em tais observações, fica evidente que os professores fazem pouco uso didático-pedagógico de atividades que poderiam provocar a curiosidade do aluno. Valorizando a tradição popular por meio dos saberes primevos, as atividades realizadas pelos estudantes fomentaram efetivamente a interação dialógica entre as diferentes sabedorias e permitiram estudá-las em colaboração com concepções acadêmicas tornando-as saberes escolares. Dessa forma, os discentes retornam às comunidades, munidos de saberes escolares, e também marcados pelo sentimento de pertencimento, pois estes eram saberes tradicionais pertencentes à comunidade, onde antes foram buscados

O conjunto de resultados coletados na pesquisa revelou aspectos importantes a serem contemplados para o rompimento dos paradigmas cartesianos, trabalhar os conhecimentos de maneira disciplinar, tão presentes nas escolas. Em consequência dessas posturas, relacionando às novas organizações das gerações atuais, o ensino vive um momento importante, quando os novos rumos didático-pedagógicos necessitam ser tomados para atrair os alunos à escola. É notório que há um longo caminho a percorrer, na medida em que a curiosidade do aluno seja instigada, tornando-o ativo na busca de conhecimentos, assim como o saber popular seja ainda mais contemplado ao contexto escolar.

Visto que os resultados obtidos apontam que podemos dizer que a educação passaria a ser considerada um empreendimento realizado para toda sociedade, por meio desses estudantes com visão crítica de mundo (FREIRE, 1987). Acessar esse empreendimento não consiste apenas em tomar “Ciência”, mas sim em analisar

criticamente e compreender as interações no dia a dia e incorporar em sua práxis de cidadãos os efeitos práticos dos conhecimentos, em especial, dos conhecimentos químicos em qualquer época e cultura.

Portanto, pensa-se na importância da valorização dos saberes populares na construção do currículo escolar visando à constituição dos saberes escolares e sociais. Tais conhecimentos evoluem na medida em que evolui a comunidade, mostrando que o conhecimento científico não é definitivo, ao contrário do que o discurso atual da escola demonstra. É relevante que outras opções de referencial curricular sejam oferecidas aos estudantes, permitindo que questões regionais, como os saberes populares de sua comunidade, possam integrar o currículo escolar, permitindo discussões de saberes científicos atrelados a realidade da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradicionalmente a discussão em torno do ensino de Filosofia a partir dos saberes primevos ou populares reconhece o trabalho filosófico como um exercício sobre si mesmo, ou seja, o cuidado de si como prática constitutiva do fazer filosófico, de uma maneira de se comportar, capaz de impregnar suas formas de viver, e desenvolvendo-se mediante procedimentos e práticas que eram refletidas, aperfeiçoadas e ensinadas, vemos assim um princípio preciso, o cuidado de si, como uma prática social, ressaltando que o cuidado comporta, sim, uma parte de conhecimento, mas tão somente na medida em que o sujeito precisa medir seus progressos na constituição do eu da ação ética.

Apesar de se compreender a necessidade de se integrar as sabedorias e a cultura popular como parte do processo educativo no âmbito escolar, ainda existem muitos aspectos em termos de pesquisas de base teórica e epistemológica que merecem atenção, reflexão e discussão. Um exemplo disso está na própria disparidade entre as naturezas e significados atribuídos nas pesquisas acadêmicas, que não tratam de uma natureza etnológica, ao mesmo tempo em que as propostas e sequências didáticas que tratam da sabedoria popular tendem a apontar para grupos específicos.

Assim durante a construção desse artigo, a pesquisa aproximou os acadêmicos e o saber científico do saber primevo por meio da Filosofia, proporcionando uma descoberta da valorização dos saberes que a academia muitas vezes desconhece, a

desmistificação de que o senso comum não pode gerar conhecimentos científicos, bem como a satisfação de devolver a discussão para os familiares dos acadêmicos, a compreensão de que o conhecimento tem raízes no passado histórico cultural da sociedade e pode ser um motivador para a construção do pensamento e alfabetização científica.

Assim, esperamos que este artigo possa contribuir para repensar os saberes primevos dos professores, principalmente de modo a alterar práticas pedagógicas instituídas visto que há diferentes perspectivas para olharmos o mundo natural e mesmo sem escolhermos um artefato cultural como as melhores lentes (filosofia, senso comum, religiões, mitos, saberes primevos); posto que a Ciência não detém a verdade, mas adota algumas verdades transitórias, em um cenário parcial onde os seres humanos não são o centro da natureza, mas elementos da mesma.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo. **A filosofia e seu ensino**. 2 ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUC, 1996.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. **Saber científico / Saber escolar / Saber primevo**. In: SOUZA, João Valdir Alves de; GUERRA, Rosângela. **Dicionário Crítico da Educação**. Belo Horizonte: Dimensão, 2014, p. 243-247.

COTRIM, Gilberto **Fundamentos de filosofia** / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999. . **Meditações**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GALLO, Silvio. **Filosofia do Ensino da Filosofia**. São Paulo: Vozes, 2003.

GELAMO, Rodrigo Peloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LUTFI, Mansur. **Cotidiano e educação em química**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1988.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 15º ed. 2008.

SANTOS, Wildson Luiz P. dos. **Aspectos sócio-científicos em aulas de Química**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SILVA, F. L. E. **A função social do filósofo**. In: ARANTES, P. et al. (Org.) *Filosofia e seu ensino*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUC, 1996.

STENHOUSE, Lawrence. **La investigación como base de la enseñanza (4a ed.)**. Madrid: S. L. Ediciones Morata, 1998.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 9. Ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TOMAZZETI, E. **Filosofia no ensino médio e seu professor: algumas reflexões**. Revista do Centro de Educação, Santa Maria, v.27, n.2, 2002.